

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 180 — Domingo, 18 de Novembro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12  
Depósito nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

## CARTA DE LISBOA

### SANGUE PORTUGUÊS

para os heróis da Hungria

Por D. ROSÁLIA BRAAMCAMP

UM estremeamento de revolta agita todo o corpo da nação lusa — os russos mataram 65.000 húngaros! O número foi atirado para os «placards» do Rossio, num fim de tarde chuvoso. O público ficou atônito, empaldecido, suspenso. Sessenta e cinco mil!

«O Ocidente ainda se há-de arrepender e envergonhar», disseram os universitários de Lisboa ao ministro da Presidência, quando subiram as escadarias da Assembleia Nacional, para

lerem a mensagem dos 20.000 estudantes que encheram o largo de S. Bento. «A História, no processo implacável do decorrer dos anos, há-de reprová-los a nossa atitude, há-de chamá-los cobardes». «Muitos de nós nos alistáramos para combater ao lado dos nossos camaradas húngaros».

Isto não era um rasgo de oratória. Era uma verdade. Quem viu o Rossio a transbordar de estudantes e os ouviu clamar contra a chacina comunista não pode ter dúvidas de que esta nobre e generosa mocidade está pronta a marchar, qual segunda Ala dos Namorados ou nova cruzada de cristãos contra a ameaça dos bárbaros.

A mocidade não conhece reservas nem prudências. Age por impetuosidade. Demais, o exemplo da juventude húngara eletriza e empolga estes milhares de estudantes. Todos eles desejariam ser dignos daqueles bravos rapazes que, no momento extremo, emitiram apenas esta mensagem de heróis: «Vamos morrer. Rezem por nós».

Na consciência de cada por-

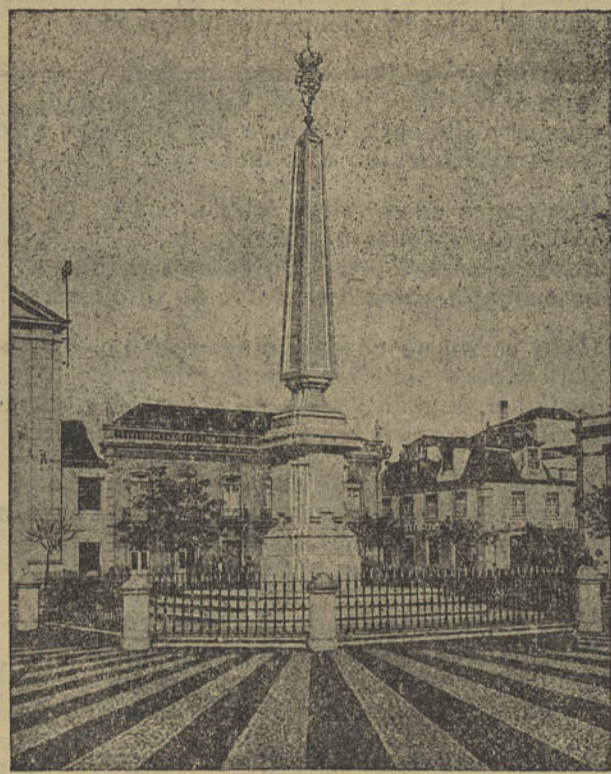
(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## O CORTEJO DE OFERENDAS EM BENEFÍCIO DO NOSSO HOSPITAL

REALIZA-SE HOJE, PELAS 14 HORAS, PERCORRENDO AS PRINCIPAIS RUAS DA VILA

NÃO exageraremos afirmando que o dia de hoje vai ficar assinalado nos fastos da nossa terra como data evocativa de uma das maiores paradas de benemerência que aqui se têm realizado. O anunciado Cortejo de Oferendas a favor da Misericórdia local, a que nos temos referido com o merecido realce, vai percorrer, esta tarde, as ruas de Vila Real de Santo António. Constituirá, certamente, pelo seu superior significado, largo motivo de orgulho para todos aqueles que o tornaram possível, qualquer que seja o carácter de contribuição dada, e, de maneira geral, para todos os filhos do nosso concelho — que vêem, na concretização de tão benemerita cruzada, a satisfação de um desejo que de há muito vivia latente nos seus espíritos.

Auxiliar o nosso Hospital, ajudá-lo não só a bem cumprir a sua nobre missão de assistência, como a desenvolver tão generosa actividade, facultando-lhe os meios indis-



## UMA CAUSA NOBRE EM MARCHA

Tem os Vicentinos de Vila Real de Santo António, sem alardes, mas com perseverança e coragem verdadeiramente dignas da nossa admiração e sincero apreço, realizado uma obra que pode considerar-se, sem favor, verdadeiramente notável.

A construção de moradias do Património dos Pobres avulta como um dos principais aspectos dessa obra, que, a julgar pelo Comunicado que seguidamente temos o prazer de publicar, prossegue sem desfalecimentos. Que prossiga e possa atingir completamente os objectivos que visa, são os nossos melhores desejos.

NÃO foi em vão que, ao tomarmos o compromisso da construção das primeiras seis moradias do Património dos Pobres, na nossa vila, depositámos incondicional confiança na generosidade dos nossos conterrâneos. Assumimos uma responsabilidade que deve exceder 150 contos. Porém, o espírito de

(COROLUI NA 4.ª PAGINA)

## Contos Góticos

Por MARIA MANUELA NUNES

### Ilha do tesouro

A um burguês o dia serve apenas para encher de abandono e de canção.

Que lendária riqueza jaz perdida num simples dia que se não viveu!

Amigas! Não busquemos mais [tesouros] por oceanos atlânticos sumidos!

### O poeta

Provar com António Aleixo já vi um doutor de lei. De nada tão belo sei.

Sempre os homens deram fé de toda a grande poesia ser natural como o dia, sábia como o dia é. De um poeta honrado sei fino e plebeu como um seixo. Otem sem trono, hoje sei... Já vi um doutor de lei provar com António Aleixo.

### Isaurinha

Sessenta anos doentes Isaurinha. Em cada mão uma dádiva Isaurinha. Em cada gesto simples a possibilidade de ser humilde e [digna]. Isaurinha.

Conforto de saber, à noite, uma [estrelinha firme].

### Tenhamos orgulho nas nossas crianças

- Como te chamas?
- Maria.
- Maria quê?
- (Não sabia).
- A tua mãe?
- Anda aí...
- Já almoçaste?
- (Sorri).
- O que foi que almoçaste?
- Pão.
- Gostaste?
- Ai não!
- Sabes o que é isto?
- O que é?
- Um bombom.
- Para quê?
- E' doce. Vê.
- Não é?
- Mariasinha!
- Não chores.
- Então, Maria, vem cá.
- Que cara tão feia!
- Pronto! Agora senta aqui.
- O que tens tu, meu anjinho?

### Canção da Paz

Dia alegre como um menino à janela. — Carruagem de ouro para Cinderela.

Longe — um casal, presumo — meus olhos dão fé de um subir de fumo pela chaminé.

Qu'il! Nem fumo brando nem a branda aragem! — Cinderela entrando para a carruagem.

Maria Manuela Nunes

## CRÓNICA

### À CERCA DO FADO E DO SAMBA

Pelo ENG. J. SILVA GARVALHO

O FADO — nossa canção nacional — e o samba — monarca reinante no folclore brasileiro — embora antagónicos em seus ritmos, possuem curiosos pontos de analogia, no que respeita à evolução de suas histórias e, até, com um pouquinho de boa vontade, quanto ao aspecto geral das suas origens.

O nosso fado começou por ser uma dança praticada por negros e, segundo os eruditos do assunto, chegou até nós já canção feita, trazido na boca da marinha-gem recém-desembarcada do Bra-

sil. A ser assim, a nossa canção nacional teve a sua genese na outra banda do Atlântico, em terras de Vera Cruz.

O samba, posto não possua uma tradição marítima, possui contudo o dinamismo próprio das danças negras. A sambista, caso da nossa Carmen Miranda, surgiu-nos com requiebreos de bailarina, acompanhando os ritmos da música através dos movimentos dos membros e quadris. Aparte isso, parece que a canção brasileira possui pergaminhos, não muito antigos, que nos falam dela ter nascido das populações dos aldeamentos, dos morros, entre gente de cor — mulatos, cabócios ou coisa parecida.

Entre o fado e o samba existe uma perfeita oposição de ritmos. Mas um tal argumento não basta para atirar por terra a hipótese das analogias que acabámos de formular. O fado, simplesmente, uma vez saído dos trópicos, adaptou-se ao saudosismo genuíno do povo português, lançou raízes profundas no coração da nossa gente, e tornou-se um produto nacional, depois de ter sido uma canção chula, entoada pelas vozes avinhadas da matulagem frequentadora das tabernas e prostíbulos dos bairros ribeirinhos da capital, como a Alfama e a Madragoa. Foi deste ambiente que ele galgou para as esperas de touros, para os retiros das hortas, para os solares apalçados dos Vimiosos do fim do século, para o cenário romântico do Choupal, em Coimbra, e para os palcos do Parque Mayer, então como complemento obrigatório dos espectáculos de revista. Uma vez aqui chegado, a sua fama passou fronteiras, transformando-se, aos olhos dos turistas, num símbolo.

(COROLUI NA 3.ª PAGINA)

## PELA VILA

Atenção ao Leite!

Queixam-se vários leitores de que está a suceder, com alguma frequência, que o leite vendido ao domicílio apresenta um aspecto e cor estranhas, por vezes, e — o que é pior — um gosto a marisco, muito desagradável e bastante pronunciado, o que o torna intragável.

Não há qualquer exagero nestas reclamações, provinidas de vários consumidores, facto que os próprios leitores podem confirmar, de resto.

Será da alimentação dos gados, ou de qualquer produto usado na lavagem do vasilhame? Compete a quem de direito averiguar as causas e tomar as providências necessárias, o que esperamos, com a maior urgência.

## Trânsito de veículos puxados por animais, dentro da vila

Em reunião ordinária do Conselho Municipal, efectuada em 5 de Outubro, findo, foi aprovada uma postura que regula o trânsito, dentro da vila, de veículos hipomóveis, a qual, depois de ser homologada pelo sr.

(COROLUI NA 3.ª PAGINA)

pensáveis para que ela se torne mais ampla e mais eficaz, é tarefa que exige contribuição de todos os vilarealenses de boa vontade. E todos eles, ou quase todos, corresponderam ao apelo que lhes foi dirigido, dando o seu óbulo, modesto ou avultado, conforme as possibilidades de cada um, com um louvável espírito de compreensão que é mister salientar.

E' o somatório de todas essas manifestações de generosidade que veremos desfilar esta tarde pelas ruas da nossa terra, numa expressão materializada do sentimento mais nobre que abriga a alma humana: ajudar o que sofre.

A concentração de todas as entidades e agremiações que participam no Cortejo

(COROLUI NA 4.ª PAGINA)

## CRÓNICAS DO TEMPO MORTO

### INDECISÃO

Por N. RODRIGUES PENA

ENTÃO!

O corpo derrotado, o homem, finalmente conseguiu levantar a cabeça. Cotovelos suspensos no mármore da mesa, os cabelos colados ao suor que lhe escorregava pela testa, fixou os olhos no tecto, depois, brusca-mente, numa queda vertical desceu o olhar até envolver o outro. Um sorriso frágil desenhava-se no rosto atormentado, inquieto.

Então! Mas a pergunta ficou sem resposta, embora tudo indicasse que os lábios se iam abrir para a dolorosa confissão. E o rapaz estirou os braços e imediatamente os deixou cair, vencidos, ao longo do corpo.

Por momentos, as mãos oscilaram em movimentos desordenados

e sentiu a tortura da sua inutilidade, buscando dar-lhes uma ocupação, escondendo-as nas largas algebras do casaco estriado que lhe dançava nos estreitos ombros. Estremeceu; arripiou corria-lhe pelo corpo. O amigo bateu com uma moeda no mármore e na voz mais comum do mundo, gritou: Patrão! Duas ardinas, queira fazer o obséquio. Embora cou dum trago a aguardente e com um leve impulso fez deslizar o outro copo. Vá, bebe, homem, o que tu sentes é frio! Lá fora chovia. Uma chuva miúda, densa, colando-se à roupa e os transeuntes deslizando como sombras na rua estreita, transportando pequenas maletas.

Tinham escolhido um sítio discreto da taberna, e a luz quebrava-se ali na parede, de forma que a penumbra os envolvia e lhes ocultava os rostos. Belmiro, então? O mesmo sorriso frágil no rosto, o mesmo cair de braços ao longo do corpo, como resposta.

— Não tens que responsabilizar ninguém, percebes? Nenhum de nós se lembraria do teu nome para arrumar semelhante assunto. Nenhum de nós tinha quaisquer dúvidas de como te sairias da encrenca.

Nem Eduardo, nenhum dos amigos mais íntimos poderia compreender todo o seu problema. Que lhe importava que lhe dissessem: «Tu és um problema dos diabos», quando, na verdade, apenas arranhavam ligeiramente a ferida e não conseguiam atormentá-lo. E, depois, que eram as censuras dos outros em presença de tamanho naufrágio da sua vida? Fora sempre assim durante toda a sua vida, dotado de inépcia, uma completa negação para as coisas práticas.

Ese ele já se não enganava, con-

(COROLUI NA 4.ª PAGINA)

## A Câmara Municipal de Loulé vai perpetuar num monumento a memória do benemérito algarvio

Dr. José Bernardo Lopes

Na Casa do Algarve — Rua Capelo, 5-2.º, Lisboa — encontra-se aberta a subscrição para o monumento que a Câmara Municipal de Loulé vai erigir, naquela vila, à memória do dr. José Bernardo Lopes, grande médico e cidadão exemplar, que durante mais de 40 anos espalhou, como clínico, no respectivo concelho, a sua devotada benemerência e altruísmo.

(COROLUI NA 5.ª PAGINA)

## CONVITE

A Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia, convida a população deste Concelho a incorporar-se no Cortejo de Oferendas que se realiza hoje, sendo a sua concentração pelas 14 horas, no cruzamento da Estrada Nacional com a Estrada de Castro Marim.

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso amigo sr. Manuel José Morais Rodrigues, funcionário corporativo em Faro.

Esteve em Espanha, em viagem de passeio, o nosso prezado assinante sr. Vicente Rodriguez Peral, proprietário das «Caves do Guadiana».

Esteve alguns dias em Lisboa, em casa de sua família, o nosso prezado amigo sr. Álvaro Magno Guerreiro, distinto director técnico de Farmácia, nesta vila.

Com sua esposa e filha, encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado assinante sr. João Duarte Faustino, residente em Lisboa.

Seguiu para Lisboa, a fim de embarcar no vapor «Uige», com destino a Luanda, o nosso estimado amigo sr. Ezequiel Rodrigues Geraldo.

## IRIAN OCIDENTAL

parte integrante da Indonésia

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

provincia de Irian Barat, baseado na força do povo. A Indonésia conhece tão bem os seus direitos como os seus deveres, como membro independente da grande família das nações.

Desde 1950 que os governos indonésios não têm descansado para a solução deste assunto, data da primeira conferência na Holanda. Outra se seguiu, em 1952, mas uma vez mais foi impossível conciliar os pontos de vista opostos. Depois, em 1954, outra delegação indonésia foi à Holanda, mas sem êxito. Repetiram-se as conversações em 1955, ainda desta vez sem a pretendida solução. E' de esperar, agora, este ano, e a Indonésia está confiante, que o caso de Irian seja resolvido.

O Irian Ocidental é, e tem sido sempre — histórica e constitucionalmente (legalmente) — uma parte integral do território da Indonésia; isto é, a parte mais antiga das Índias holandesas. Na verdade, é pena que o governo holandês, na Conferência da Mesa Redonda, mantivesse a intenção de reter esta parte do território indonésio dentro do seu poder colonial, visto ser contrário às promessas feitas e ao acordo, entre as duas partes, de dar a independência a toda a Indonésia.

Aliás, o artigo de 1.º da carta de transferência do poder diz: «O Reino dos Holandeses transfere incondicional e irrevogavelmente a soberania completa da Indonésia para a República dos Estados Unidos da Indonésia, e portanto reconhece a dita República como um estado independente e soberano». Certas personalidades da Holanda também reconhecem esse direito, como, por exemplo, os profs. drs. A. Teeuw, da Igreja protestante, M. Stiphout, da Igreja católica, e outros.

Pode fazer-se a pergunta: porque é que o Irian Ocidental tem tamanha importância para a Indonésia? O território em questão tem uma área aproximada de 418 mil Kms. quadrados, constituindo esta área 22% do território total da Indonésia, embora ainda por desenvolver e muito desprezada sob o governo colonial holandês. Tem uma população indígena, calculada num milhão (a população total da Indonésia é, presentemente, de cerca de 80 milhões).

A principal importância

# CALENDÁRIO OUTUBRO

A brincar de ferreiro, o tal senhor Outubro, fácil lhe foi levar a forja até ao rubro, pondo em palpos de aranha imensa freguesia, primeiro no Suez, a seguir na Hungria.

Vejam bem o sarilho, a confusão tremenda, gerada por Outubro, esta famosa prenda; mas a culpa maior reside no bissexto ao qual o dito mês só serviu de pretexto!

Das terríveis questões, as fases principais conhece-as o leitor, através dos jornais; contemos, pois, de Outubro, autor de tanta asneira, como ele se portou no respeitante à feira.

Dizia já «Bin Oclo», um semi-esquecido, ser a «Feira da Praia» expoente de alarido; quem quisesse passar, na feira, bons bocados, podê-lo-ia fazer, mas de ouvidos tapados!

Outro vate local, o «Fotógrafo Zé», largou, também, na feira, asseado pontapé, chamava-lhe esse, então, a das barracas toscas, que trazia barulho e só deixava moscas...

Nós temos de convir, a feira é boa e má, satisfação intensa à garotada dá, desde a quebra anual do velho mealheiro ao esbanjar veloz dos restos do dinheiro.

Cada carro, ao chegar, é sempre um «caso» sério para todo o petiz amante de mistério; assistem, com interesse, ao erguer das barracas e ajudam, se preciso, a colocar estacas...

Pressentidas que são as «gradas» atracções, As pistas dos automóveis, ou «bases» de aviões, logo a rapaziada em frente se aglomera, curiosa, a espreitar, em paciente espera.

Vem o dia primeiro, a feira começou, o antigo mistério em luz se transformou; e miudo e graúdo entram no aranzel e vão, sem distinção, andar de carrocel.

Ambos tentam meter argolas nas garrafas, ambos, a passear, sofrem iguais estafas e bocejando e rindo, ambos, por uns pedaços, aturam, à noitinha, as graças dos palhaços.

A feira é toda assim, dinâmica, vibrante, diverte-se o povinho, esquece-se o feirante; este deixa de ser, três dias, vagabundo, aquele manda à fava as misérias do mundo.

E Outubro, o do bissexto, o superintendente, na sensata intenção de «bem servir» a gente, notando, pela feira, uns grãos de pó, botou chuva a granel, regou tudo, sem dó...

E. DE CASSIM

do Irian Ocidental para a Indonésia tem uma base política e nacional. Sendo parte das antigas Índias holandesas, o Irian Ocidental e o seu povo constitui uma parcela do movimento nacional para a independência da Indonésia.

Desde que se deu a ocupação do Irian Ocidental por tropas holandesas, depois da proclamação da independência da Indonésia, este território tornou-se um cenário de contínuo desassossego e a menor luta pela independência é sempre abafada pelas forças de ocupação holandesa.

Portanto, o governo da Indonésia considera necessário chamar a atenção da Assembleia Geral das Nações Unidas para esta questão altamente grave, que pode tornar-se explosiva, e para o facto de enquanto este problema — representando o resto do governo colonial na Indonésia — se mantiver por resolver, continuará a existir a ameaça latente para a paz e a segurança naquela parte do Mundo.

Esta situação é de interesse vital não só para os dois países interessados, mas também para todo o Mundo e certamente para as Nações Unidas. A continuidade de uma fonte de irritação no Oriente, uma região onde recentemente se vêem conflitos armados e onde a tensão é ainda bastante forte, não é de modo nenhum aceitável para a boa harmonia e paz mundial.

Em conclusão: é necessário encontrar uma solução

## Quem perdeu?

Em Setembro deste ano, foi encontrada, no comboio rápido, durante o percurso desta vila a Lisboa, nas proximidades de Castro Verde, uma malinha de criança, contendo alguns objectos.

O achado encontra-se depositado no posto local da P. S. P., onde será entregue a quem provar pertencer-lhe.

## Despedida

Ezequiel Rodrigues Geraldo

Na impossibilidade de despedir-se pessoalmente de todas as pessoas suas conhecidas, vem por este meio apresentar as suas despedidas e oferecer os seus préstimos em Luanda, Angola, (Junta da Exportação do Café).

## AUTOMÓVEL

PEUGEOT

Vende-se um automóvel PEUGEOT «203», de 4 cilindros. Pintura nova, estado de mecânica impecável.

Tratar com José Carlos Delfim — Olhão.

para a questão do Irian Ocidental, contendo a segurança e a liberdade desse território. Eis porque o governo da República da Indonésia aguarda que este ano, na próxima Assembleia Geral das Nações Unidas, a questão do Irian Ocidental tenha essa solução.

Rollin de Macedo



## PROVINCIA

### TAVIRA

#### Manifestação de solidariedade

Realiza-se hoje uma grande manifestação concelhia de solidariedade com o povo húngaro. A concentração far-se-á na Praça Dr. António Padinha, pelas 16 horas, dirigindo-se depois o cortejo para a rua D. Marcelino Franco. Também num gesto de solidariedade humana e a pedido da «Caritas» e da Cruz Vermelha, a Legião Portuguesa, por intermédio da sua lança de Távira, apela para a generosidade da população do concelho, pedindo o seu valioso auxílio com qualquer donativo, tanto em géneros, e agasalhos como medicamentos, que agradece, e que se destinam a atenuar a grave situação de milhares de crianças, mulheres e feridos húngaros, em consequência dos trágicos e horroros acontecimentos que recentemente ensanguentaram a Hungria.

#### Agora, também o petróleo

Já há dias que vemos, pelas ruas da cidade, muita gente com vazilhões de todas as espécies, a comprar petróleo, esgotando-se em poucas horas, nos estabelecimentos da especialidade, este combustível. Melhor informados, sabemos que alguém se lembrou de dizer que ia acabar o petróleo, e vai daí, todos os quase todos estão a açambarcá-lo. Estamos informados, pelas entidades competentes, de que o mesmo não faltará, visto haver reservas importantes no País. Isto faz-nos lembrar os tempos de 1909, em que o mundo ia acabar, com o aparecimento do cometa Halley. Então, toda a gente, nessa noite memorável, cantava e dançava e outros comiam e bebiam do melhor, esperando a hora do mundo acabar. O que é facto é que o mundo não acabou, e o petróleo também não há-de acabar...

#### Novos selos de correio

Foi posta em circulação mais uma nova série de selos postais, comemorativa do Centenário dos Caminhos de Ferro. Trata-se de uma série de 4 selos, muito interessantes e sobretudo com muita e boa cola. Por aqui ainda não chegaram, o que é não de estranhar, visto que as emissões comemorativas só tarde e a más horas são aqui postos à venda. Bom seria se quem de direito requisitasse estes selos, para bem do público e dos filatelistas de Távira.

#### O trio

Tem havido uns dias bonitos, nesta localidade, mas com intenso frio; por isso os abrigos já têm feito a sua apresentação, o que nos faz antever um Inverno muito frígido. Como de costume, ou por isto ou por aquilo, o único divertimento de Távira — concertos musicais — vão razeando — e.

### LUZ DE TAVIRA

#### Rua em mau estado

Chamamos a atenção da Câmara Municipal de Távira para acudir, sem demora, ao concerto da Rua Dr. Oliveira Salazar, pois o estado do seu piso é verdadeiramente deplorável, e se não for cuidado a tempo, veremos desaparecer, no próximo inverno, os últimos bocados de alcatroamento que ali ainda existem.

#### Cinema da F.N.A.T.

Amanhã e depois, serão dadas duas sessões cinematográficas, dedicadas aos habitantes desta freguesia e especialmente aos sócios da Casa do Povo, bem como a suas famílias.

#### Curso de educação de adultos

Como nos anos anteriores, começou a funcionar, com elevado número de alunos, o Curso de Educação de adultos na Casa do Povo desta localidade.

#### Curso de corte e bordados

Também se encontra a funcionar, naquele Organismo, um Curso de Corte e Bordados da Companhia de Máquinas de Costura «Husqvarna». — e.

## VENDEM-SE OU ARRENDAM-SE

Os seguintes estabelecimentos:

Uma mercearia e Café-Bar Misto, situado no melhor local da Praia de Monte Gordo.

Uma Padaria de fabrico de farinha espada. Edifício próprio, recentemente construído. Instalações modernas.

Tratar com o próprio. (Carta a este jornal).

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

### ODELEITE

#### Petróleo

Apesar de ter sido dada, oficialmente, a informação, de que não devia haver restrições no fornecimento deste combustível, foi num momento que desapareceu da venda, nesta localidade.

As pessoas mais cautelosas e com mais visão forneceram-se devidamente, não lhes fosse faltar a luz...

Em contrapartida, os menos cépticos, não dando ouvidos a tais boatos, vêem-se, assim, em sérios embarras para adquirir o indispensável petróleo.

A distribuição é feita mensalmente, e mais ou menos dá para o consumo local.

Agora, volvidos que foram pouco mais de uma dezena de dias, depois da última distribuição, veremos se não irá faltar a luz a quem mais precisa dela.

#### Falta de habitações

E' um eterno problema, de difícil resolução. Como os destinos de Odeleite caminham sempre por tortuosas sendas, pouco admira que aqui se faça sentir essa dificuldade. Numerosas famílias vivendo num só compartimento, é que é, além de altamente desmoralizador, anti-higiénico.

Claro que não se pode conceber a ideia de o Estado nos construir moradias; mas, particularmente, devia ser só questão de vontade. Há lugar para serem construídas dez ou doze vivendas; há pedra e barro a preços acessíveis, e o capital investido nessa obra meritória, que só dignificaria quem se propusesse a tal, dava um rendimento muito superior ao que dá a acumulação nos cofres, sem benefício aparente. — e.

## ACÇÕES

De A ELECTRO FABRIL

COMPRA:

Manuel dos Santos

APARTADO 13

FARO

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Direcção Geral dos Combustíveis

## EDITAL

Alexandre Vasconcelos Matias, engenheiro de 1.ª classe, servindo de chefe da 3.ª Repartição da Direcção Geral dos Combustíveis.

FAZ SABER QUE: Centeno, Cumbreira & Rodrigues requereu o alvará de licença para instalar um parque de combustíveis sólidos, incluído na 3.ª classe, com os inconvenientes de poeiras e perigo de incêndio, na sua fábrica de conservas de peixe, situada em Vila Real de Sauto António, na Avenida da República n.º 6, freguesia de Vila Real de Sauto António, concelho de Vila Real de Sauto António, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 80 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Avenida Miguel Bombarda, 6, em Lisboa.

Lisboa, e Direcção Geral dos Combustíveis, 9 de Novembro de 1956.

Pelo chefe da 3.ª Repartição, o engenheiro de 1.ª classe.

Alexandre Vasconcelos Matias

## ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

À VENDA NA

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65

— Telefone 76 —

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## AGENDA

### MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 10 a 16 de Novembro:

#### TRAINEIRA

Liberta . . . . . 48.080\$00

### Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António

De 10 a 16 de Novembro:

#### Entradas:

COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, vazio.

GORGULHO, Português, de 1.196 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

ROLANDSECK, Alemão, de 1.299 ton., de Sevilha, com carga em trânsito.

MEDEA, Holandês, de 499 ton., de Málaga, vazio.

AGADIR, Marroquino, de 1.123 ton., de Nantes, com folha de flandres.

HOOGVLIET, Holandês, de 499 ton., de Portimão, vazio.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

SHELL ONZE, Português, de 358 ton., de Lisboa, com gasoleo.

CONDESA, Espanhol, de 1.307 ton., de Leixões, com carga em trânsito.

TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

Saídas:

IRAN, Alemão, para Hamburgo, com conservas.

ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.

GORGULHO, Português, para Funchal, com sal.

ROLANDSECK, Alemão, para Bremen, com cortiça.

AGADIR, Marroquino, para Port Lyatey, com carga em trânsito.

MEDEA, Holandês, para Dublin, com minério.

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

HOOGVLIET, Holandês, para Bona, com minério.

CONDESA, Espanhol, para Livorno e Génova, com conservas.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 17 a 23 de Novembro, a Farmácia SILVA, Rua dr. Miguel Bombarda, Telefone 64.

## ACTIVIDADES

### DA CASA DO ALGARVE

A Direcção da Casa do Algarve deliberou na sua última reunião:

Exarar em acta um voto de louvor ao ex-presidente da Comissão Cultural e ilustre director do Arquivo Histórico Ultramarino, sr. dr. Alberto Iria, pelo monumental trabalho «O Algarve e os Descobrimientos», que acaba de publicar em edição patrocinada pelo Instituto de Alta Cultura;

Transferir para 27 de Janeiro próximo o almoço de homenagem à Comissão de Turismo e Propaganda, anunciado para 18 do corrente, dada a proximidade a que ficaria do almoço de confraternização dos antigos alunos do Liceu de Faro, a realizar na Casa do Algarve em 1 de Dezembro, e para no referido dia 18 o presidente da mesma comissão ir ao Porto representar a mesma colectividade num almoço de confraternização dos algarvios ali residentes;

Aprovar o programa apresentado pela Comissão de Turismo e Propaganda para a «11 Noite Algarvia», a realizar em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos, em 1 e 3 do mês próximo, a favor dos fundos de beneficência da colectividade, com a colaboração de artistas algarvios residentes em Lisboa, do grande acordeonista internacional António Mestre e dos categorizados grupos folclóricos de Faro e de Santo Estêvão (Távira).

## CINE-ROZ

Apresenta hoje, o grandioso filme LEGIÃO ESTRANGEIRA, com Viviane Romance, Alberto Farnese e Irene Galter.

O drama apaixonante de dois jovens que a despeito do seu orgulho se amam loucamente e são perseguidos pela adversidade e pelo ódio, dos homens. (Espectáculo para adultos).

Terça-feira, 20, um formidável programa duplo.

Rob Roy, o grande rebelde, com Richard Todd e Glynis Johns.

A história apaixonante de um herói da velha Escócia.

Uma noiva em cada porto, com Groucho Marx e William Bendix.

Uma comédia onde a loucura burlesca anda à solta. (Espectáculo para maiores de 13 anos).

# PELA VILA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ministro das Comunicações, foi já publicada no «Diário do Governo» e por edital camarário, para entrar em vigor em 1 de Julho de 1957.

Segundo o citado diploma, fica proibido, dentro de Vila Real de Santo António, o trânsito de veículos hipomóveis cujos rodados não sejam guarnecidos de aros pneumáticos, tiras de borracha ou dispositivos equivalentes. Exceptuam-se os que forem guarnecidos de aros de ferro das medidas legais, quando conduzam produtos agrícolas ou correlativos, dos respectivos proprietários, desde que o peso bruto da carga não exceda 500 kg., e ainda os que transportem artigos destinados aos mercados e feira anual.

## Rodrigo Ferreira Aboim

Em referência a uma local do nosso número anterior, escreveu-nos o sr. Rodrigo de Sá Aboim, digno chefe da estação local dos C.T.T., para agradecer-nos as justas palavras de homenagem à memória de seu pai, Rodrigo Ferreira Aboim, por motivo da trasladação dos seus restos mortais para Távira, no passado domingo.

Cumpre-nos rectificar que o falecimento daquele antigo comandante dos nossos esforçados Bombeiros Voluntários ocorreu, não em Setembro, como dissemos, por lapso de informação, mas sim em Agosto de 1926.

## O apelo da «Cáritas»

Tem sido consoladoramente secundado, na nossa terra e arredores, o apelo lançado pela «Cáritas» para urgente auxílio, sob várias modalidades, aos patriotas húngaros, tão duramente provados durante a insurreição nacional que os transformou em mártires perante um invasor brutal e impiedoso, provindo das estepes asiáticas, sob o signo da barbarie comunista.

Tanto em dinheiro como em géneros e medicamentos, a nossa gente algarvia também accorreu a manifestar o seu piedoso espírito de solidariedade com os sacrificados magiares, contribuindo com o que podia e inscrevendo-se muitas famílias desta vila para receberem algumas crianças húngaras nos seus lares compassivos e acolhedores, onde elas poderão encontrar algum conforto para os seus sofrimentos e angústias de vítimas inocentes da hecatombe moscovita.

Perante esta prova do bondoso espírito português e cristão, bem hajam todos os que, nesta hora de horror e de incerteza, não quiseram deixar de marcar a sua presença, provando que ainda existe entre nós, bem viva, a consciência dum humanitarismo lusitano, que desde sempre tem dado lições a um mundo desorientado pelos vários materialismos que imperam na decadente vida moderna.

## Pequenos vândalos

Queixa-se-nos o pessoal que está a trabalhar nas obras de pavimentação e esgotos do troço Sul da vila, agora começadas, que de vez em quando aparecem uns garotos a atirar pedras às caixas que se constroem para depósito dos esgotos, quebrando as arestas das mesmas, o que acarreta sé-

rios prejuízos aos trabalhos.

Para se evitarem possíveis complicações, no caso de continuarem os «bombardeamentos», chama-se a atenção dos respectivos pais e faz-se um apelo à compreensão dos próprios aprendizes de vândalos, para que não destruam coisas que são para benefício de todos, e deles também. Quando quiserem treinar as suas pontarias à pedrada, escolham alvos inofensivos e fora da vila.

Caso contrário, entrará a Polícia em acção e o caso pode tornar-se sério, para os garotos e até para os pais que os não reprimam.

## Correio tardio

Temos recebido, por várias vezes, diversas reclamações de leitores nossos, em que se queixam de algumas deficiências nos serviços da estação dos C. T. T., às quais pedem lhes demos aqui publicidade, para ver se são atendidos.

Duvidamos muito de que tal aconteça, pois temos às vezes a impressão de clamar num deserto, mas cabemos, no entanto, dar satisfação ao pedido dos nossos prezados leitores. E oxalá que procedessem igualmente os C. T. T.!

Atendendo a que o comboio correio chega a esta vila normalmente às 8 horas da manhã, acha-se estranho que a correspondência só venha a ser distribuída ao domicílio por volta do meio-dia, o que causa prejuízo ao expediente de algumas casas comerciais que não possuem apartado. Note-se que em Faro e em Olhão, cujo volume de correio é muito maior e onde o comboio chega depois das 7 horas, a distribuição começa a ser feita antes das 10 horas, o que, afinal, também aqui sucedia ainda não há muitos meses.

Também há quem faça reparos às irritantes demoras havidas no serviço de balcão, para venda de selos, pesagens, registos, vales e outro movimento postal, na estação desta vila. Será possível aumentar o pessoal, ou organizar o serviço, de forma a remediar estes inconvenientes?

## Obras no Hotel Guadiana

Em seguimento à «local» que este semanário publicou, no seu número de 4 de Novembro findo, sob o título acima, informa-nos o proprietário do Hotel Guadiana que as obras ainda não começaram, nem mesmo se sabe quando se iniciarão, ignorando-se também o custo total das mesmas.

Como informáramos antes, o arrendatário reduziu o pessoal, mantendo somente o serviço de «bar» e dormidas, mas, dentro de poucos dias, o hotel vai retomar a sua exploração normal.

Assinala e propaga «Notícias do Algarve»



## DESPORTO FUTEBOL

### Campeonato Regional do Algarve

#### Lusitano, 4 - Boa Esperança, 2

Jogo no campo, «Francisco Gomes Socorro», sob a direcção dum árbitro da A. F. Faro.

O Lusitano entrou a jogar com grande velocidade e pouco tempo passado ganhava já por 2-0, sendo ambos os tentos apontados pelo extremo-esquerdo Ludgero.

Entretanto, mesmo continuando a disfrutar de maior domínio, foram os visitantes que diminuíram a diferença, com um golo de Parra nas próprias balizas, ao tentar interceptar uma bola em frente da baliza.

Em seguida, o Lusitano voltou de novo ao ataque, e repôs novamente a vantagem, com mais um golo da autoria de Mendes, resultado do primeiro tempo.

Na segunda metade, a feição do jogo não se alterou, isto é, domínio do Lusitano e defesa porfiada dos visitantes, com destaque para o guarda-redes, que fez boa exibição.

Neste período obtiveram-se

mais dois golos, um para cada equipa, sendo o do Lusitano alcançado por Mendes e o dos adversários pelo extremo esquerdo.

O Lusitano valeu pelo conjunto; no Boa Esperança, temos a destacar toda a defesa, com realce para o guardião, como já frizámos.

A arbitragem satisfaz.

Os outros resultados verificados foram os seguintes:

Unidos Sambrazense, 5 — Silves, 1  
Louletano, 1 — C. F. Esperança, 6

#### Campeonato Distrital de Juniores

Farense, 2 — Silves, 1

O Lusitano marcou os respectivos pontos tabelares, em virtude da falta de comparência do grupo do Portimonense.

#### Jornadas de hoje

B. Esperança-Unidos Sambrazense  
C. F. Esperança-Lusitano  
Silves-Louletano

#### Juniores

Silves - Lusitano  
Portimonense - Olhanense

S. Salas

## BASQUETEBOLO

### CAMPEONATO DISTRIITAL

Realizou-se no passado domingo a 3.ª jornada do Campeonato de Basquetebol do Algarve, tendo-se registado os resultados seguintes:

#### Lusitano, 40 - S. L. Faro, 42

Jogo no campo dos «B. V.»  
Árbitro Gilberto Ferreira.

LUSITANO: Gavino (4), Salas, Andrade (7), Branco (24), Ângelo (5) e Jara.

S. L. FARO: Alexandre, Marmota (12), Santos (16), V. Silva (5), Guerreiro (11), Pinto (4) e Carvalhal (4).

O despique travado entre o Lusitano e o S. L. Faro foi agradável de seguir, pela luta renhida que se verificou desde o princípio ao fim do jogo, e por conseguinte na dúvida que pairava de qual seria o vencedor.

Venceu o S. L. Faro, mas se a vitória tivesse pertencido ao Lusitano, não ficaria mal, pois ambos os grupos mereceram-na, o que parece um paradoxo, sendo no entanto a verdade do jogo.

O desafio entusiasmon a assistência, principalmente nos últimos momentos, quando os visitantes venciam por 2 pontos — vantagem com que viriam a triunfar — e faziam retenção de bola para que os adversários não se apoderassem dela, e na verdade, isto deu-lhes o triunfo final.

Venceu, por conseguinte, a equipa mais feliz, que teve os seus melhores jogadores em Santos e Guerreiro; no Lusitano, todos jogaram com grande vontade, e por conseguinte, não há nomes a destacar, pois toda a equipa lutou igualmente para o triunfo, que lhe fugiu ingloriamente quase no fim do prélio.

O trabalho do árbitro não agradou.

#### G. D. «Os Olhanenses», 67

S. C. Olhanense, 30

Jogo no campo «Libertário de Sousa», Olhão.

Árbitro: José Fernandes.  
«OLHANENSES»: Serro (8), Cunha (18), Amaro (9), Madeira (1), Vinhas (25), Simões (6) e Joaquim Relvas.

OLHANENSE: Evaristo (2), Pité (2), Falcão, Laurino, Correia (6), Nuno (1), Flávio (9) e Brito (10).

A vitória do G. D. «Os Olhanen-

ses» é normal, pois estes são na verdade mais equipa e, por conseguinte, o triunfo é o corolário directo da sua superioridade.

#### S. C. Farense, 34

«Os Bonjoanenses», 33

Jogo no campo S. Luís, em Faro.

Árbitro: Fernando Leitão.  
FARENSE: Bastardinho (11), Gago (12), Mónica (2), Vau, Caronho (9) e Firmino.

BONJOANENSES: Adelino, Bernardino, Alcino (2), Jesuino (4), O'Brien (1), Patrício (16) e Brito (10).

Boa vitória do S. C. Farense, frente à forte equipa de «Os Bonjoanenses», que levaram desta maneira rude golpe nas suas aspirações.

#### Jogos para hoje:

S. L. Faro - «Os Olhanenses»  
Bonjoanenses - Ginásio  
S. C. Olhanense - Farense

S. Salas

## EDITAL

João António da Silva Graça Martins, engenheiro-chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que Domingos Horta requereu licença para instalar uma fábrica de mosaicos e marmorite em cimento, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e poeiras, situada na rua Eça de Queirós, n.º 20, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro.

Nos termos do regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º. (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 7 de Novembro de 1956.

O eng.º-chefe da Circunscrição, João António da Silva Graça Martins

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

## Crónica acerca do Fado e do Samba

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

lo de portuguêsismo, com uma aura semelhante à do vinho do Porto.

Em linhas gerais, parece que o samba teve uma evolução histórica muito parecida a esta. Isto, pelo menos, a avaliar pelo conteúdo dum artigo da imprensa brasileira, do qual vou extrair os factos básicos desta pequena crónica.

O samba, antes da penúltima guerra mundial, já possuía a sua graça, que lhe é genuína, mas... mercê de más companhias, estava colocado à margem da sociedade brasileira. A presença dum sambista — segundo o artigo que acabo de ler — implicava a presença dum polícia! A canção era tida como indesejável, e ninguém decente a cantava ou se dava ao luxo de a ouvir cantar. Porém, a partir de 1916, esboçou-se um movimento de reabilitação, que ficou marcado como um grande milagre de Ernesto Santos (Donga), criador do «Samba do partido alto» que, no seu estribilho, dizia assim:

Samba do partido alto  
Só vai cabrocha que samba de facto  
Só vai mulato filho de baiana  
E gente rica de Copacabana  
Doutor formado de anel de ouro,  
Branca cheirosa de cabelo louro.

Este apelo de Ernesto Santos teve o mais completo êxito. A canção entrou, com efeito, em Copacabana, e ganhou as simpatias das brancas louras do Rio de Janeiro. E, por isso, é voz corrente no Brasil que foi Ernesto Santos e seu grupo quem fez do samba um «bom moço».

Entre nós, mais ou menos na mesma altura, deu-se a grande reabilitação do fado, que pôs a perder de vista os êxitos de Maria Vitória e Júlia Mendes. A nossa canção, divulgada pela arte de Amarante, consolidou-se definitivamente no teatro. Pode-se dizer que o equivalente português do «Samba do partido alto» é o «fado do ganga», que, de norte a sul, Portugal cantou, pelo menos naquela copla onde Amarante, armado em carroeiro filósofo, de chicote em punho, dizia assim:

Meus amigos, esta vida  
P'ra quem lida  
A mourear cá na roça  
E' uma grande subida  
Que se leva de vencida  
Como quem puxa a carroça  
Quando a gente desanima  
A coisa vai a parar  
Ai ó!...  
Então, adeus ó vindima  
Se não vai chicote acima  
Somos uns homens ao mar.

O samba, passada a primeira etapa da sua ascensão, entrou a alimentar-se da crítica de casos quotidianos de grande celeuma. Semelhantemente, o fado seguiu os mesmos trilhos, explorando, dos palcos para as platéias, a vida de Lisboa e, até, os incidentes da política, ao tempo caracterizados por revoluções constantes. A origem dessas revoluções encontra-se caricaturada, bem ao vivo, no célebre «fado da Brasileira»:

À porta da Brasileira  
Dois bicos encontram dois,  
Ficaram quatro, e depois  
Lá começa a chifrineira.  
Azeda-se a cavaqueira  
Vai aumentando o zum-zum  
A bomba rebenta: Pum!  
E agora aqui os vereis  
Vinte quatro, vinte seis  
Vinte e nove, trinta e um.

No artigo da imprensa brasileira, a que já fiz alusão, conta-se um caso de caricatura muito semelhante, relativo ao samba. Mais ou menos, vou reproduzir as palavras de Ernesto Santos. Diz-nos ele: O Rio de Janeiro, por alturas de 1917, estava infestado pelo pinguelim — espécie de roleta que atraía os batoteiros e roubava a freguesia ao jogo do bicho.

Era uma loucura e, também, um escândalo que a polícia, em vão, procurava reprimir. As roletas, clandestinamente ou às claras, rodavam em toda a parte! As críticas ferviam, acusando o Governo de impotente. A imprensa explorava o assunto, e o jornal «A Noite» chegou, mesmo, a instalar na praça pública, no centro do Rio, roletas-fictícias de papelão, para juntar o povo e obter documentário fotográfico.

O pinguelim tornou-se um caso nacional e, à boca fechada, dizia-se que a polícia... também gostava do jogo. Foi então que surgiu, criado por Donga, o samba «Pelo telefone» — o primeiro a ser gravado no Brasil e que, por isso mesmo, pertence à história:

«O chefe de polícia  
Pelo telefone  
Manda-me avisar  
Que na Carioca  
Tem uma roleta  
Para se jogar».

Enquanto o fado, em Portugal, aproveitava o tema da desordem das ruas, o samba dirigia os seus ataques ao famigerado chefe da polícia do Rio de Janeiro.

O «Pelo telefone», ao que parece, constituiu estrondoso êxito. O disco correu, de lés-a-lés, todo o imenso território do país irmão e passou as fronteiras, para correr mundo. O futuro do samba estava feito. De 1920 a 1930 um grupo, denominado «Oito batutas», foi quem mais se esforçou para garantir a universalidade da canção, propagando durante várias viagens à Europa, actuando numa delas um ano em Paris.

Parece que o propagandista n.º 1 do samba foi Ernesto Santos. Este, presentemente, encontra-se em guerra acesa com os inovadores da música popular brasileira, que, no seu conceito, rompem com a tradição e não passam de vis especuladores da arte.

Barafustando em prol dum recuo do samba, no sentido deste entrar no caminho das suas tradições, deparamos hoje com a chamada «Velha Guarda», na qual se destacam Ismael da Silva, J. Cascata, João da Baiana, Pixinguinha e Ernesto Santos — tudo nomes que pertencem à história da música popular brasileira e que constituem o núcleo do movimento reaccionário perante os modernismos da hora actual. Segundo eles, o samba está gravemente enfermo de ritmos estranhos.

E' possível que este clamor, tão ruidosamente levantado, possua certo fundamento. Eu, porém, apesar desses senões, continuo gostando dessa música alegre, que as emissoras me vêm fornecendo sob o título de genuíno samba. Na verdade, essa música é o melhor antidoto para o meu tédio. Seus ritmos e suas letras pedradas de brejeirices possuem o condão de me comunicarem aquele bom humor tão necessário aos tempos que vão correndo.

Para ser sincero, eu gosto do samba, mesmo falsificado. E, embora soe como uma heresia, não me sinto nada ofendido com os meus irmãos da outra banda do Atlântico, pelo facto de eles afirmarem possuir a melhor música popular do mundo. Pelo menos, é uma das mais leves, das mais alegres e, até, das mais subteis. Neste capítulo da subtilidade, a canção faz eco da voz corrente e soa como uma gargalhada cristalina, na opinião pública. Por isso mesmo é popular. Ela reflecte a despreocupação dum povo que vive sem canseiras, sorrindo à vida, meio enlanguescido pela aridez do clima, mas sempre desperto e de alma em festa pela luminosidade do sol dos trópicos.

J. Silva Carvalho

Assinala e propaga «Notícias do Algarve»



## hérnia UMA BOA NOTÍCIA

O moderno método patenteado, sem mola e sem pelota  
MYOPLASTIC - KLÉBER  
é aplicado no nosso país pelo especialista internacional  
INSTITUT HERNIAIRE DE LYON

Graças a este verdadeiro «músculo de socorro», a vossa parede deficiente será reforçada e os órgãos mantidos no seu lugar «como se fosse com as mãos». Encontreis imediatamente bem-estar e vigor, como anteriormente. É maravilhoso.

Vinde fazer um ensalo gratuito, em  
FARO — Farmácia Higiene — Rua Ivens, 22  
Dia 22 de Novembro

PORTIMÃO — Farmácia Carvalho  
Dia 23 de Novembro

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Farmácia Silva  
Dia 24 de Novembro

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do  
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

CAMÕES E BOCAGE,  
NA BOCA DO POVO

A imaginação popular apode-  
rou-se de Bocage, e no famoso  
vate só vê o improvisador repen-  
tista, o contador de anedotas  
obscenas, o inventor de trovas  
picarecas. O que demora para  
lá disso é paisagem.

De Camões, o povo sabe, por  
junto, que era cego de um olho.  
E até já fez da palavra Camões  
um adjectivo, para designar a  
pessoa que só vê dum olho. Di-  
zer de Paulo ou Sancho que é  
um Camões equivale a dizer que  
é cego dum olho. A certa mul-  
her cetragea dum olho cha-  
mava outra, em briga de pala-  
vras:—Sua Camões do inferno!  
Aquilo foi o fim do mundo...  
lam-se matando!

O HÁBITO DE DE-  
PRIMIR A PÁTRIA

O jeitinho para dizermos mal  
da nossa própria pátria—exal-  
tando as dos outros—é antigo.  
Não é de hoje nem de ontem. É  
o hábito de nos deprimirmos co-  
meça logo pela língua. Já aque-  
le D. João da Corte na aldeia, de  
Rodrigues Lobo, dizia para um  
seu interlocutor:

«Uma coisa vos confessarei  
eu, que os portugueses são ho-  
mens de ruim língua, e que tão  
bem o mostram em dizerem mal  
da sua, que, assim, na sua vida  
da pronúncia como na  
gravidade e composição das pa-  
lavras, é língua excelente».

A língua nacional—só porque  
é nacional—é posta, por muitos,  
nas ruas da amargura. Não co-  
nhecem as outras, as estrangei-  
ras, uma vez que bem—bem só  
podemos conhecer a língua que  
mamámos com o leite materno.  
Mas, só porque são estrangei-  
ros, de certos países de alta co-  
tização internacional, vá de lou-  
váveis sem conta, peso nem  
medida.

Perdoai-lhes, senhor, que não  
sabem o que dizem.

Mas, se a língua nacional lhes  
merece louvor, louvor não têm  
também para a própria paisa-  
gem nacional. Viagens, se hou-  
verem de as fazer, não será isso  
na própria pátria (l'arregolo),  
mas por França e Aragões,  
para que conste nos colóquios  
da botica que estiveram aqui e  
além, embora sejam de supina  
ignorância em relação às belas-  
sas da sua própria terra.

E' ainda a mania de deprimir  
a pátria que leva esses tais a  
desonrar os feitos nacionais—  
como se para lá das fronteiras  
tudo fosse digno de ser posto  
num altar.

Quando perderemos este ins-  
tinto hábito de deprimir a pá-  
tria? Quando faremos justiça  
a nós próprios?

Justiça. Repare-se bem que  
dizemos justiça, a tal que man-  
da dar a Deus e a César as res-  
pectivas partes. Porque, se não  
devemos deprimir sem razão,  
também não deveremos louvar  
sem motivo. A justiça é a «va-  
zezinha»...

COMPÊNDIOS MENINEIROS

Os compêndios menineiros  
deixam-nos no miolo ideias que  
perduram para todo o sempre.  
Dize-me a história que aprende-  
ste em menino, e eu te direi os  
juízos que ainda hoje formulas  
sobre algumas das figuras na-  
cionais. Podem vir quantas re-  
visões históricas quiserem, pon-  
do no seu lugar figuras que ou  
tinham sido denegridas, ou ti-  
nham sido exaltadas, para além  
dos justos limites. Tudo tra-  
balho vão. Persistimos, em boa  
parte dos casos, nos juízos que  
o compêndio escolar nos plas-  
mou no cérebro.

O «Notícias do Algarve»  
vende-se em Olhão, na Livra-  
ria Capela, Rua do Comércio.



PORTO  
RAINHA  
SANTA

ATÉ  
OS ANJOS  
BEBEM!...

RODRIGUES PINHO  
& C.  
Vila Nova de Gaia

# Notícias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

## UMA CAUSA NOBRE

### EM MARCHA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

compreensão e de generosidade,  
que temos deparado da parte de  
quase todos, leva-nos a prosse-  
guir sem desfalecimentos a tare-  
fa encetada e ofusca totalmente  
um ou outro gesto grotesco e  
egoísta, que só pode diminuir  
quem o pratica. A obra não é  
nossa. E' dos nossos pobres.  
Nós somos unicamente interme-  
diários das suas necessidades e  
dos deveres de todos os que po-  
dem alguma coisa fazer por eles.

Sem o menor desfalecimento,  
prosseguem as obras, em bom  
ritmo, e já se pode admirar, no  
extremo sul da rua Jacinto José  
de Andrade, o sólido bloco das  
seis magníficas moradias do Pa-  
trimónio dos Pobres, que, em  
breve, albergarão dentro das suas  
acolhedoras paredes seis das mais  
modestas e necessitadas famílias  
da nossa terra. Desejariamos  
dispor de sessenta e não sómen-  
te de seis moradias. O nosso de-  
sejo seria poder a todos atender,  
ao ouvirmos as clamorosas ne-  
cessidades que nos revelam as  
famílias, que, súplices, de nós se  
abeiram. Os pedidos são nume-  
rosos e alguns mais poderiam ser  
atendidos, se todos amparassem  
e ajudassem a desenvolver esta  
benemérita iniciativa. Muitos  
mostram-se, porém, alheios ou  
pouco nos auxiliam. Grande par-  
te só sabe dar-nos, em quantidade  
ilimitada... conselhos bem dis-  
pensáveis! Para certa gente o  
Governo tem que solucionar to-  
dos os problemas, tem que ser  
uma espécie de «faz-tudo»...  
mas lamentam-se quando surge  
algum cerceamento da iniciativa  
particular ou da liberdade, em  
geral!

A caridade há-de ser uma vir-  
tude de todos os tempos, nas  
sociedades cristãs, mesmo nos po-  
vos de nível material superior.  
Julgo que ninguém desconhecerá  
as grandes obras de caridade  
existentes nos E. U. A.—a nação  
mais próspera e rica do mundo.

Enquanto o cristão souber cul-  
tivar as virtudes do coração, a  
caridade há-de resplandecer  
sempre nas sociedades, porque ela  
é essencialmente a virtude do co-  
ração. Eliminar a caridade, fazer  
ruir este trono de nobreza do co-  
ração do homem, será implantar,  
em sua substituição, o egoísmo  
que facilmente atinge os paroxis-  
mos da desumanidade.

A nova lista de quotas anuais é

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Saldo do mês anterior.	48.195\$50
D. Guida dos Mártires Furtado — quota anual	10\$00
D. Maria Cid — donativo	50\$00
D. Laura Pires Lima Ruas — donativo	30\$00
D. Maria do Amparo P. Barbosa — quota anual	1.000\$00
D. Maria das Dores Cumbreira Tenório — quota anual	250\$00
Anónimo — donativo	1.000\$00
Miguel Viegas — quota anual	50\$00
D. Maria Isabel Barbosa Centeno — donativo	2.000\$00
André Correia Estêvão — quota anual	20\$00
Jorge Medeiros — quota anual	500\$00
Emílio Correia Ribeiro — quota anual	20\$00
D. Maria Merilha — quota anual	30\$00
António de Brito — quota anual	100\$00
António dos Anjos Ruivinho — quota anual	50\$00
D. Maria da Conceição Oliveira — quota anual	30\$00
D. Maria Vitalina — donativo	50\$00
Anónimo — donativo	500\$00
Anónimo — donativo	50\$00
Julitilberto Viegas Palma — quota anual	50\$00
Anónimo (nova prestação perfazendo 17.000\$00)—donativo	5.000\$00
Anónimo — donativo	25\$20
D. Célia Saraiva — quota anual	100\$00
D. Carmen Barroso — quota anual	80\$00
Prior Galhardo Palmeira — quota anual	200\$00
D. Encarnação Capa — quota anual	500\$00
Dr. António V. Horta Correia — quota anual	500\$00
Traineira «Flor do Guadiana» (entregue pelo mestre Emiliano Pereira — donativo)	95\$00
Lusofábrica — donativo	1.000\$00
Raul Folque & Filhos, Lda. — donativo	1.000\$00
Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª — donativo	1.000\$00
João Cumbreira Ramirez — donativo	500\$00
Manuel Rodrigues Álvares — donativo	200\$00
Anónimo — donativo	100\$00
Alfredo de Campos Faisca — donativo	50\$00
Empresa de Transportes Guadiana, Lda. — donativo	500\$00
Anónimo — donativo	50\$00
Fabrézio Barbosa — quota anual	250\$00
Anónimo (por intermédio do sr. Fabrézio Barbosa — quota anual)	250\$00
Câmara Municipal (por intermédio da C. M. A.)—donativo	10.000\$00
Dr. José Diogo — quota anual	100\$00
Casa Pinheiro — donativo	50\$00
Joaquim Gomes — donativo	10\$00
V.ª de Trindade Coelho — donativo	20\$00
Francisco Mendes Júnior — donativo	50\$00
Álvoro Afontes de Brito — donativo	50\$00
Ramirez & C.ª, Lda. — donativo	1.000\$00
Ramirez & C.ª, Filhos, Lda. — donativo	1.000\$00
Soc. Acc. Angelo Parodi fu Bmeo. — donativo	1.000\$00
V.ª e Herd. de Francisco Féria Tenório — donativo	1.000\$00
Juventude Operária Feminina — donativo	200\$00
Total	79.911\$70

de donativos, que hoje publicamos,  
testemunha claramente o acolhi-  
mento e o amparo prestados ao  
Património dos Pobres. Sobres-  
sai o donativo de 5.000\$00, com o  
qual um insigne benfeitor (que  
nos intimou — bem contrariamente  
à nossa vontade — a manter o seu  
nome sob anonimato) atinge a en-  
trega de 17 contos, prometendo-  
nos, dentro em breve, fazer a en-  
trega final com que cobrirá o  
custo total de uma moradia — 25  
contos.

Não encontraremos, na nossa  
terra, ninguém mais que possa  
e queira imitar este nobre  
exemplo?

Digno de referência é também  
o auxílio prestado pelo carpinteiro  
Francisco Morgado — talvez o  
melhor artífice do seu ramo, na  
nossa terra — o qual, além das  
horas extraordinárias de todos os  
dias, entrega semanalmente o sa-  
lário dum dia de trabalho para o  
Património dos Pobres. E é de  
notar que vive exclusivamente do  
seu trabalho e tem pesado encar-  
go de família.

Não haverá pintores e caiado-  
res, que, na altura própria, pres-  
tem à obra idêntico auxílio?

Temos a acrescentar à oferta  
feita pelo sr. Manuel da Silva Do-  
mingues, já aqui anteriormente  
referida, mais as máquinas da sua  
serração graciosamente coloca-  
das à disposição do Património  
dos Pobres, nas quais foram ser-  
radas, aplainadas e moldadas to-  
das as madeiras das portas e ja-  
nelas.

Desejando prestar o seu auxílio  
à nossa obra, o nosso comprovinciano,  
sr. José Anastácio Honrado,  
proprietário e gerente da  
Fábrica de Tintas Excelsior,  
uma das mais importantes do seu  
género no País, colocou à dispo-  
sição do Património dos Pobres  
da nossa terra um dos melhores  
produtos da sua fábrica — o Hon-  
radex — um derivado de cobre,  
destinado a impregnar todas as  
madeiras das casas, protegendo-  
as dos efeitos do bicho e da  
acção da humidade e garantindo-  
lhes uma duração ilimitada.

A todos os benfeitores agrade-  
cem, reconhecidamente, e de todos  
continuam a esperar generoso au-  
xílio para poderem prosseguir  
nesta obra de protecção às famí-  
lias sem lar da nossa terra

Os Vicentinos de Vila Real  
de Santo António

## Sangue Português para os heróis da Hungria

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tuguês há agora como que um  
sentimento de culpa. Culpa por  
esta paz sem agitações de espé-  
cie alguma, por um bem estar  
público que hoje melhor se pode  
apreciar. Como se todos nos  
disséssemos: — Não temos o di-  
reito de ser felizes e viver em  
paz, quando outros perecem sob  
mortalhas de sangue.

Apetecia a muitos agir como  
nos povoados que as feras ron-  
dam ao descaro, cravando o  
dente na orelha indefesa: pegar  
em carabinas e fazer uma sor-  
tida aos lobos. Porém, os lo-  
bos de Moscovo não têm apenas  
dentes e garras: têm tanques,  
aviões, soldadesca habituada ao  
terrorismo. E desafiar uma fe-  
ra de tal monta é o mesmo que  
desafiar o diabo com uma fitga  
na mão. Só por milagre é pos-  
sível acertar-lhe em sitio fraco,  
ao género da lendária façanha  
de Heitor contra o calcanhar de  
Aquiles.

«O socorro só pode vir do  
Céu» — diz o cardeal Cerejeira.  
E, por muito que custe, todos  
temos de assistir, impotentes,  
ao desdobinar dos relatos do  
massacre.

O protesto transforma-se en-  
tão em dádiva e amor. A Emis-  
sora Nacional transmite incen-  
santemente um apelo dramático,  
pela própria voz enrouquecida  
de uma húngara, que parece fa-  
lar-nos do outro lado da vida.  
Os jornais estimulam a campai-  
na da Cruz Vermelha e da Cá-  
ritas. Toneladas de donativos  
chegaram já a Viena. Outras  
estão prontas a seguir. Muitas  
centenas de contos foram já  
gastas pelos portugueses para  
suavizar o drama dos que se  
refugiaram em território aus-  
triaco. O Governo entrou com  
subsídios, pelo Ministério do  
Interior. Fez-se já anunciar  
que podem vir 5.000 crianças e  
mães húngaras para Portugal.  
Isto, em princípio. Certamente  
poderiam vir ainda muitas mais,  
que no lar de todos os portu-  
gueses se dá de boa vontade um  
lugar a essas pobres vítimas do  
«cilindro» soviético.

Vigílias e preces fazem-se por  
toda a parte. Há uma peregrina-  
ção nacional a Fátima, onde  
os húngaros mandaram erguer  
o monumento nos Valinhos e  
para onde voltam os olhos hu-  
medecidos de fé.

Mas há, sobretudo, um estado  
febril por todo o País. Mesmo  
quando os estudantes, no mais  
absoluto silêncio, desfilam de  
batinas cerradas em sinal de  
luto e empuñam as bandeiras  
cobertas de crepes. Bandeiras  
que não são apenas as da Hun-  
gria, mas também as portu-  
guesas e os estandartes dos seus  
centros académicos. E' a cul-  
tura que está de luto. E a afronta  
é verdadeiramente universal,  
porque implica o direito inter-  
nacional dos povos.

A oferta, no entanto, mais co-  
mumente, mais sentimental, di-  
gamos, é aquela de sangue dos  
estudantes portugueses para os  
seus colegas húngaros feridos  
em combate. Sangue moço pa-  
ra os heróis que precisam ainda  
de vida, nem que seja apenas  
para combater um dia mais e  
morrer melhor, com mais honra  
e maior glória.

«Os estudantes húngaros são  
os heróis do século XX» — dizia  
um dos disticos empuñados pe-  
los estudantes de Lisboa, na sua  
manifestação. E para esses he-  
róis se estendem agora dezenas  
de milhares de braços portu-  
gueses, num grito irmão: — Acei-  
tem o nosso sangue, já que não  
podemos dar as nossas vidas!

Rosália Braamoamp

## O Cortejo de Oferendas em benefício do nosso Hospital

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

E' de esperar que a po-  
pulação de Vila Real de  
Santo António, que acolheu  
com tanta simpatia e tão  
sincero entusiasmo a orga-  
nização do Cortejo de Ofere-  
ndas, corresponda ao con-  
vite que lhe é dirigido pela  
Mesa Administrativa da  
Santa Casa da Misericórdia,  
e que outro local publica-  
mos, incorporando-se no  
Cortejo ou assistindo à sua  
passagem pelas ruas da vila.

## CRÓNICAS DO TEMPO MORTO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

seguia ainda intrujar os outros,  
inspirar-lhes confiança. E nes-  
ses raros momentos era sincero.

Quando se tratava de estudar  
um problema, de o analisar devy-  
damente, raros conseguiam de-  
monstrar a mesma compreensão e  
inteligência, a mesma penetração  
e agudeza que ele manifestava.

Depois, na ocasião de equacionar  
esse problema, era como se  
lhe faltassem os braços para lhe  
dar vida. E ali estava, o suor a  
correr-lhe pelo rosto, a angústia a  
nadar-lhe nos olhos, os braços  
inúteis, como decepados, a cair-  
lhe pelo corpo anguloso e magro.  
Eduardo tinha razão, nin-  
guém se lembraria dele para se  
encarregar de tal missão, ninguém  
lhe exigiria heroísmos incompatí-  
veis com a sua mesquinha estatu-  
ra. Mas falara com tanto entu-  
siasmo, colocara tanto ardor nas  
ideias que conseguira convencer  
os mais renitentes e os mais des-  
confiados. Estudara o assunto a  
sério, perdera dias e noites acari-  
nhando o mesmo projecto. Mas,  
no momento decisivo, no último  
passo a dar, o sonho fugia-lhe. —  
Estamos a perder tempo, Belmiro.  
Até parece que não nos co-  
nhecemos de há muito tempo.  
Não estamos aqui como juiz e réu.

Vá, fala, desembucha, homem!  
Poderia, na verdade, dar mil  
justificações, enredar-se em his-  
torietas, que nem por isso, talvez,  
deixariam de ganhar convicção no  
conceito dos outros. Mas, que  
adiantava isso? Que lhe interes-  
sava ocultar a ferida, quando a  
sentia aberta, a sangrar no fundo  
da sua alma? E o mutismo absur-  
do cerrava-lhe a boca, Eduardo,  
pelo seu lado, hesitava em tomar  
uma atitude directa e brutal, ou  
uzar de maleabilidade e delicadeza.  
«Aquele Belmiro era um  
problema dos diabos». Mas a  
demora estava a enervá-lo. — Vá,  
fala, desembucha, homem!

Poderia, na verdade, inventar  
tantas histórias como desejasse.  
Inventaria que o homem com quem  
tinha de se encontrar se achava  
doente. Mas, que adiantava tudo  
isso? Cedo saberiam a verdade.  
Demonstraria que as coisas não  
estavam tão propícias como eles  
supunham, que seria uma remata-  
da tolice conduzir os aconteci-  
mentos até às últimas consequên-  
cias. «Vistas bem as coisas,  
Eduardo, nós sacrificariamos inú-  
tilmente as pessoas. Tudo seria  
inútil, Eduardo.»

A frase morrera-lhe na garga-  
ta; ele próprio lhe recusava senti-  
do e autenticidade. A voz do  
companheiro quebrava-lhe o curso  
dos raciocínios, era como uma  
intrausa a violentar-lhe o equilí-  
brio da sua consciência. — Ainda  
não compreendo muito bem como  
nos convenceste, como nos em-  
brulhaste. Naquele momento ar-  
dias em entusiasmo. Não sei se  
aceitaste a coisa por uma questão  
de vaidade. Soltava a frase apa-  
rentando desinteresse, enquanto  
chupava o cigarro. E Eduardo  
prosseguiu: Eu fui o único que  
me opuz a essa aventura. Achei  
tudo um disparate. Era teu ami-  
go, julgava conhecer-te menos  
mal. Depois, recordavam-me ou-  
tros factos, acontecimentos sem  
grande importância, mas que da-  
vam bem a medida do teu feito.

Embora teu amigo, é duro di-  
zer-te, nunca me mereceste con-  
fiança.  
Vaidade, aventura — murmurou  
o outro. Com que então, vaidade!  
Era uma voz sumida, débil, ausen-  
te de convicção e de força.

— Vaidade, porque não? Há  
gente, neste mundo, que corre ao  
estrondo dos foguetes e deseja  
festa a todo o preço. Levantou-  
se, sacudiu a gabardina molhada,  
e estendendo frouxamente a mão,  
disse: — já que te recusas a falar,

— Tu não compreendes, Eduar-  
do, tu não podes compreender.  
Talvez compreendesse, talvez  
ainda encontrasse uma explica-  
ção, talvez lhe ocorresse pala-  
vras para erguer um homem, se  
acaso as palavras chegam para  
sustar um homem em certas oca-  
sões. Hirto, sorriso apagado nas  
faces duras, Eduardo estendeu a  
mão ao amigo. Por momentos, o  
som das passadas na rua vieram  
nítidas até aos ouvidos do outro,  
depois perderam-se e ficou ape-  
nas o marulho da água a correr  
nas valetas.

As mãos metidas nos bolsos do  
casaco que lhe dançava nos om-  
bros magros, a cabeça vergada,  
Belmiro empurrou a porta da ta-  
berna, e a chuva peganhenta colou-  
se aos cabelos, correu pelas  
faces, como se desejasse apagar a  
febre que lhe ardia no rosto.

Na sua frente, o caminho lóbrego,  
submerso em escuridão, enla-  
meado, dir-se-ia a prender os seus  
passos.

Assine, o «Notícias do Algarve»  
e contribuirá para o desenvolvi-  
mento da imprensa Algarvia!

Visado pela Comissão de Censura

vou-me andando. O Belmiro es-  
tendeu as mãos, prendeu-lhe a  
gabardina, e na voz apagada im-  
pôs: Fica mais uns momentos.  
Estas coisas custam, nem sei bem  
como começar.

Uma rapariguita, de pés nús,  
cabelos desgrenhados, avental a  
varrer o chão, entrara com uma  
garrafa. O taberneiro apressou-  
se a aviá-la e a rapariguita ocul-  
tara a vasilha no avental.

Lá fora os transeúntes eram  
mais raros, só a chuva continuava  
a cair, monótona, morrinhenta.  
Belmiro permaneceu durante al-  
gum tempo calado; depois, como  
ganhando fôlego, começou:

— Eu não tento desculpar-me.  
Tudo me é indiferente, inútil.  
Tirei a prova: não valho um  
chavo. Fui sempre assim. Qual-  
quer coisa em que tocasse estra-  
gava tudo. E tudo isto já vem de  
longe...

— Tiveste medo, interrompeu o  
outro. Medo, eu? Tu, que falavas  
constantemente em consciência,  
coragem; tu, que nos sopravas aos  
ouvidos o teu desprezo, as tuas  
grandes intenções. Lérias safas-  
das! Belmiro estendeu o braço,  
como para afastar estas duras pa-  
lavras, e a sua voz ganhou um  
novo tom: — Podes dizer tudo o que  
te apeteça.

Escarnece-me, bate-me, se é  
esse o teu desejo. Não são as  
tuas palavras que me virão a  
amesquinhar. Procurei sempre  
na vida ganhar confiança. Não  
nego que a coisa tivesse impor-  
tância para os outros, mas o que  
estava em jogo era eu próprio,  
o meu futuro, a minha vida. Di-  
go-o, isso é que só contava para  
mim.

Se eu levasse tudo às últimas  
consequências, sentir-me-ia hoje  
um homem feliz. Sentir-me-ia ou-  
tro homem, era como se tivesse  
nascido outra vez. E, quando vo-  
cês me deram uma oportunidade,  
quando julguei chegar essa opor-  
tunidade, agarrei-a com as forças  
que me restavam. Queria jogar  
nessa ocasião toda a minha vida  
e ganhar, de futuro, a minha tran-  
quilidade. Podia inventar uma  
história, possivelmente vocês  
acreditariam e eu libertar-me-ia  
aparentemente dum peso que me  
esmagava. Mas tudo permaneceria  
na mesma. E eu queria ganhar a  
vida, eu queria ganhar a minha  
vida!

Um sorriso desdenhoso estampou-  
se no rosto de Eduardo. Pediu  
acendeu outro cigarro, pediu  
mais dois copos de aguardente.  
— Bebe, o que tu sentes é friol!  
Frio, ou medo, que importava?  
Não estava ali como juiz, nem tão  
pouco como médico a sondar as  
feridas ou mazelas dos outros. E  
o homem que se abria à sua total  
curiosidade não se preocupava  
em ocultar as suas chagas. Pelo  
contrário, rasgava-as na sua frente,  
exigia-lhe que as observasse  
em toda a sua realidade pungente  
e repugnante. «Tudo começava  
bem — recomçou Belmiro — duas  
horas antes, ainda falei com o Pedro  
e estava convencido de que  
nos sairíamos bem. Depois, acon-  
teceu o que eu maistemia, o inevitá-  
vel. Ergueu os olhos assustado  
para o companheiro, os braços  
mais uma vez se abandonaram  
ao longo do corpo. O outro sus-  
surrou: — Ouve, tiveste medo? —  
Que lhe importava que o outro  
atribuisse ao malogro uma causa,  
que lhe importava a justificação,  
se o fundamental para ele não es-  
tava na causa, mas sim nos resul-  
tados. A causa era a origem, mas  
para a sua vida o que contava era  
o facto consumado. Não era a  
causa que o preocupava, mas as  
consequências.

— Tu não compreendes, Eduar-  
do, tu não podes compreender.  
Talvez compreendesse, talvez  
ainda encontrasse uma explica-  
ção, talvez lhe ocorresse pala-  
vras para erguer um homem, se  
acaso as palavras chegam para  
sustar um homem em certas oca-  
sões. Hirto, sorriso apagado nas  
faces duras, Eduardo estendeu a  
mão ao amigo. Por momentos, o  
som das passadas na rua vieram  
nítidas até aos ouvidos do outro,  
depois perderam-se e ficou ape-  
nas o marulho da água a correr  
nas valetas.

As mãos metidas nos bolsos do  
casaco que lhe dançava nos om-  
bros magros, a cabeça vergada,  
Belmiro empurrou a porta da ta-  
berna, e a chuva peganhenta colou-  
se aos cabelos, correu pelas  
faces, como se desejasse apagar a  
febre que lhe ardia no rosto.

Na sua frente, o caminho lóbrego,  
submerso em escuridão, enla-  
meado, dir-se-ia a prender os seus  
passos.

Assine, o «Notícias do Algarve»  
e contribuirá para o desenvolvi-  
mento da imprensa Algarvia!

Visado pela Comissão de Censura

Assine, o «Notícias do Algarve»  
e contribuirá para o desenvolvi-  
mento da imprensa Algarvia!

Visado pela Comissão de Censura

Assine, o «Notícias do Algarve»  
e contribuirá para o desenvolvi-  
mento da imprensa Algarvia!

Visado pela Comissão de Censura

Assine, o «Notícias do Algarve»  
e contribuirá para o desenvolvi-  
mento da imprensa Algarvia!